



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

## **AS RELAÇÕES ENTRE BRINCAR E APRENDER: O QUE DIZEM AS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Uiliete Márcia Silva de Mendonça Pereira

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte /CE/PPGED/NEI/CAP/UFRN - etinaron@gmail.com*

Maria Estela Costa Holanda Campelo (Orientadora)

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte /CE/PPGED - estelacampelo@hotmail.com*

Este trabalho objetiva ‘Investigar As relações entre brincadeira e aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sob a perspectiva de crianças desse nível de ensino’. Focaliza-se como sujeitos do trabalho, quinze crianças que tinham, em média, de 6 a 8 anos de idade e, como lócus, o Núcleo de Educação da Infância/UFRN. Ao longo desse trabalho, utilizou-se uma metáfora a História de Alice no País das Maravilhas. Vincula-se o percurso metodológico à abordagem qualitativa de pesquisa, utilizando como instrumento de construção de dados a entrevista narrativa e a observação. Para as análises, transitou-se na relação teoria/prática, estabelecendo um diálogo com autores como: Kramer (1993), Brougère (1997), Vygotsky (1998), Kishimoto (1999), Borba (2007), etc. A partir da análise das entrevistas e das observações, percebeu-se que as crianças proferem que: a brincadeira é uma atividade importante; que os professores devem saber fazer brincadeiras; proporcionar momentos para que ela aconteça e que a brincadeira é uma atividade cultural. Eles destacam também que a brincadeira é uma atividade específica de crianças. As crianças ouvidas além de definirem o que é brincadeira e falarem da sua especificidade dizem gostar muito dessa atividade, pois proporciona muita diversão e aprendizagens. Elas aprendem a se divertirem mais e conviver mais com os amigos, aprendem as regras das brincadeiras, aprendem também a dividir os brinquedos com os amigos, enfim, aprendem muitas coisas. Fica evidenciado que a fala das crianças poderá se constituir em referências norteadoras para o desenvolvimento de práticas pedagógicas significativas no Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Criança. Brincadeira. Linguagem. Ensino Fundamental.

### **1- INTRODUÇÃO**

Neste artigo, investigamos sobre a brincadeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental, sob a perspectiva de crianças desse nível de ensino. Focalizamos como sujeitos do trabalho, quinze crianças que têm, em média, de 6 a 8 anos de idade e, como lócus, uma escola de educação da infância.–

Por uma questão ética, os sujeitos da pesquisa não serão identificados. Assim sendo, ao longo do trabalho, utilizaremos uma metáfora – A história “Alice no país das maravilhas” de Lewis Carroll. Nesse sentido, as crianças serão chamadas por codinomes, escolhidos por elas, dentre os personagens da história citada, quais sejam: Rei de Copas; Canária; Águia; Valete de Copas; Coelho Branco; Gata Diná; Tartaruga; Lagarta Azul; Duquesa; Gato de Cheshire; Rainha de Copas; Lebre de Março; Gralha; Pato; e Arara. Como Lócus de Pesquisa escolhemos por critérios Previamente definidos o Núcleo de Educação da Infância, Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – NEI/CAp/UFRN.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Para subsidiar teoricamente a pesquisa, recorremos a alguns estudiosos que têm contribuído para avançar o conhecimento na área em que desenvolvemos o trabalho: Kramer (1993), Brougère (1997), Vygotsky (1998), Kishimoto (1999), Wajskop (2001), Borba (2005), Faria, A.L.; Demartini, Z.B.F.; Prado, P.D. (Orgs.) (2005), Campos, M. M.; Cruz, S. H. (2006), Borba (2007), Cruz (2008), Müller; Carvalho (orgs.) (2009), Passeggi *et al* (2011), entre outros.

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança. O brincar cria para a criança inúmeras possibilidades de ação, compreensão, reconhecimento e interpretação do seu mundo, a partir do qual são feitas criações que lhe permitem navegar por outros horizontes, outros tempos e outros lugares, agindo com autonomia e forjando a própria experiência social. (BORBA, 2007).

Nesse sentido, a escola lócus da pesquisa compreende que a brincadeira exerce um papel fundamental no desenvolvimento da criança, pois proporciona a troca de experiências, a interação com o outro, possibilitando-lhe pensar nas suas ações através de diferentes experimentações: no jogo, no faz de conta, permitindo a aprendizagem de regras, valores, atitudes, construindo e reconstruindo seu conhecimento.

De forma coerente, o brincar é, pois, um dos eixos fundamentais da Proposta Pedagógica da escola referida. Essa atividade é incorporada à prática da escola como experiência de cultura, uma vez que os processos de desenvolvimento e de aprendizagem envolvidos no brincar são também constitutivos do processo de apropriação de conhecimentos, ou seja, a brincadeira é, ali, considerada como fator importante para o desenvolvimento da criança.

Nesse contexto, entendemos que o brincar possui um sentido social e está fortemente associado à cultura e às condições de vida daqueles que brincam. Segundo Brougère (1997), toda sociedade é formada por uma cultura que dispõe de diversas imagens, representações, símbolos e significados expressivos, dentro de um espaço social. Através da brincadeira, as crianças se apropriam dessa cultura e sociedade, podendo se expressar e criar novas produções, o que é bastante salutar para o seu desenvolvimento.

Nessa mesma perspectiva, estão os estudos realizados por Vygotsky (1998), os quais defendem que a brincadeira favorece a Zona de Desenvolvimento Proximal<sup>1</sup>, pois ao brincar a

---

<sup>1</sup> A zona de desenvolvimento proximal (ZDP) é um espaço dinâmico de aprendizagem, que de acordo com as ideias de Vygotsky (1998), implica a relação entre o nível de desenvolvimento real – determinado pela capacidade de solução de problemas de modo independente – e o nível de desenvolvimento proximal – determinado através de resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

criança age além do comportamento da sua faixa etária e da sua realidade diária, produzindo atividades e experiências novas, criando modos de pensar e agir no mundo que desafiam os conhecimentos já internalizados.

Rossler (2006) aponta que o desenvolvimento do ser humano acontece de acordo com a apropriação da cultura e com as diversas mediações que o indivíduo realiza ao longo da sua vida, que o tornam capaz de reproduzir, transformar e exteriorizar aquilo do qual se apropriou. Acreditamos que a criança recorre à brincadeira como mediadora desse processo de apropriação, expandindo suas relações com o mundo dos objetos e símbolos humanos. Dessa forma, assimila, compreende e aprende a viver socialmente no espaço em que está inserida.

Diante das questões ora explicitadas objetivamos nesse trabalho conhecer, analisar e apreender as manifestações e expressões culturais das crianças, tendo a brincadeira como categoria de análise e as crianças como sujeitos de pesquisa, portadoras de linguagens e produtoras de cultura.

Vinculamos o nosso percurso metodológico à abordagem qualitativa de pesquisa, trabalhando com a etnografia e as narrativas infantis. Utilizamos como procedimentos de construção dos dados, a entrevista narrativa, a observação e a análise documental. Para as nossas análises, nos inspiramos em princípios da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), procurando transitar pela relação teoria/prática, estabelecendo diálogos com os sujeitos da pesquisa e outros autores consultados.

Destacamos, ainda, que neste trabalho, a consulta a fontes documentais também se fez necessária, o que nos levou a estudar os seguintes documentos: BRASIL (1998); (2007), bem como a Proposta Pedagógica do nosso campo empírico, dentre outros.

As motivações iniciais para a escolha dessa temática tiveram sua gênese quando desenvolvíamos nossa pesquisa para elaboração da monografia de conclusão do curso de Pedagogia, quando objetivávamos investigar o olhar da criança sobre a escola de Educação Infantil. Da análise dos dados da monografia, emergiu a categoria “o olhar da criança sobre a brincadeira”, onde elas já apontavam a brincadeira como um momento importante na rotina da escola.

Outros fatores decisivos para a escolha da temática residem nas vivências pessoais e profissionais, no NEI/CAP/UFRN. Os estudos desenvolvidos na instituição proporcionaram aprendizagens relevantes sobre as especificidades da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, o desenvolvimento da criança, concepções de criança/infância, concepção de



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

brincadeira, dentre outras. Outra preocupação é no sentido de que, ao longo dos anos, a sociedade vem sofrendo diversas mudanças decorrentes do desenvolvimento tecnológico, das exigências impostas pelo mundo do trabalho e das diferentes culturas, o que é considerado por alguns autores como processo de globalização. Essas transformações interferem em diversas áreas, principalmente, no contexto educacional: na organização do trabalho pedagógico, modificando o currículo, a organização do espaço e do tempo e na priorização dos conteúdos conceituais como possibilidade predominante de intervenção do professor. (CABRAL NETO, 2009).

Nesse contexto de mudanças, é importante pensar se as escolas se preocupam em organizar adequadamente o tempo e o espaço pedagógicos, considerando as necessidades, possibilidades e especificidades da criança entre 6 a 10 anos.

Dentre essas necessidades, questionamos se há espaço para a brincadeira nas séries iniciais do Ensino Fundamental e de que forma ela se apresenta na rotina escolar de tal etapa, principalmente após a inserção da criança de 6 anos no Ensino Fundamental a partir de 2006, conforme a Lei nº 11.274/2006. Essa lei aponta para mudanças que deverão ocorrer em decorrência dessa inserção: tais mudanças não devem ser meramente administrativas, mas, se faz necessário considerar o nível de ensino da criança para criar uma proposta curricular que atenda as necessidades e possibilidades dessa fase. (SILVA, 2010).

A partir dos seis anos de idade, é exigido da criança em termos de escolarização, um maior número de responsabilidades e conteúdos, o que interfere diretamente na organização do trabalho pedagógico, reduzindo ou eliminando os tempos e espaços da brincadeira. (BRASIL, 2007). É como se a partir deste momento, a criança precisasse assumir outra postura, voltada muito mais para o mundo do trabalho e para a sociedade da informação, mesmo ainda estando na infância. “Ao valorizar a brincadeira Benjamim (2002) critica a pedagogização da infância e nos faz pensar: é possível trabalhar com crianças sem saber brincar, sem nunca ter brincado?” (KRAMER, 2007, p. 16).

Da mesma forma que na Educação infantil, há também uma necessidade das crianças do Ensino Fundamental de brincarem, partindo do princípio de que o brincar se constitui numa das especificidades da infância, independente da sua idade. Percebemos que elas brincam de formas diferentes, mas não deixam de brincar.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Observando as crianças brincarem, verificamos que elas revelam a possibilidade de criar: várias cadeiras podem se transformar em um avião, um trem ou um ônibus e assim elas expressam sua imaginação, fantasia e realidade. De acordo com Kramer (2007, p. 15), “as crianças brincam, isso é o que as caracteriza”.

O documento do MEC, sobre o Ensino Fundamental de nove anos, ratifica o que dissemos anteriormente sobre a importância da brincadeira como um dos pilares da Educação Infantil e do Ensino fundamental, nos esclarecendo:

Partindo do princípio de que o brincar é da natureza de ser criança, não poderíamos deixar de assegurar um espaço privilegiado para o diálogo sobre tal temática. Hoje, os profissionais da docência estão diante de uma boa oportunidade de revisão da proposta e do projeto pedagógico da escola, pois chegaram, para compor essa trajetória de nove anos de ensino e aprendizagens, crianças de seis anos que, por sua vez, vão encontrar com outras infâncias de sete, oito, nove e dez anos de idade. Se assim entendermos, estaremos convencidos de que este é o momento de recolocarmos no currículo dessa etapa da educação básica: O brincar como um modo de ser e estar no mundo; o brincar como uma das prioridades de estudo nos espaços e debates pedagógicos, nos programas de formação continuada, nos tempos de planejamento; o brincar como uma expressão legítima e única da infância; o lúdico como um dos princípios para a prática pedagógica; a brincadeira nos tempos e espaços da escola e das salas de aula; a brincadeira como possibilidade para conhecer mais as crianças e as infâncias que constituem os anos/séries iniciais do ensino Fundamental de nove anos. (BRASIL, 2007, p. 9 e 10).

Brincar, portanto, é uma das atividades imprescindíveis para o desenvolvimento da identidade e da autonomia da criança. Segundo Leontiev (2001 p. 122), “o desenvolvimento mental de uma criança é conscientemente regulado, sobretudo pelo controle de sua relação precípua e dominante com a realidade, pelo controle de sua atividade principal, que é a brincadeira”. Tal afirmação reforça o entendimento sobre a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil e nos instiga a buscar as ideias das crianças acerca do brincar.

O olhar das crianças se constitui um desafio para os pesquisadores, mas no que se refere às metodologias de pesquisas com crianças, percebemos a importância de dar vez e voz às culturas e histórias lúdicas das crianças, como uma possibilidade de conhecer para melhor compreender/explicar as relações entre professores e alunos.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Conforme ratificam Silvestre, Ferreira e Araújo (2010), temos como desafio ao ouvir as crianças refletir a importância dessa escuta para a partir de sua voz consolidar uma interação entre o universo infantil e adulto buscando compreender/explicar o mundo que nos rodeia. E ainda Kramer (2007, p. 16), nos chama atenção dizendo que “olhar o mundo a partir do ponto de vista da criança pode revelar contradições e outra maneira de ver a realidade”.

Esse tipo de metodologia trata-se de um exercício de suma importância, olhar/ver o cotidiano das crianças pequenas e grandes, buscando, dessa forma, modos de abordar essas realidades para, assim, por meio desse exercício teórico-metodológico e epistemológico, chegar perto desses seres sociais infantes para entender suas visões de mundo e sociedade. Esse entendimento é ressaltado quando Faria *et al.* (2005, p. VIII), dizem:

[...] muitos pesquisadores, salvo exceções, continuam em seus pedestais adultocêntricos no “campo” de pesquisa, campo que poderia ser um enorme verde florido de sons, linguagens e gestualidades lúdicas, mas que lamentavelmente constitui-se ainda numa ardilosa forma de vomitar os seus métodos positivistas. Métodos eivados de uma racionalidade instrumental que transforma as crianças em cobaias, tábulas rasas, “coisa” ou folha de papel em branco. [...] É importante desafiar os pesquisadores ao enfrentamento da pesquisa com crianças, de trazer à tona as implicações das relações estabelecidas pelo pesquisador com esses “novos” sujeitos, especialmente quando pensamos nas diferentes linguagens que podem permear essas relações.

Nesse sentido, devemos considerar as crianças como sujeitos que possuem um olhar crítico, que pensam, agem e sentem, como seres singulares e especiais, que têm direitos e deveres, que se constituem, desenvolvem-se nas interações sociais, aprendendo, incorporando e ressignificando práticas culturais, ou seja, sujeitos que têm vez e voz na educação (BRASIL, 1998a).

Conhecer e aprender as manifestações e expressões culturais das crianças, tendo a brincadeira como categoria de análise e as crianças como sujeitos de pesquisa, portadoras de linguagens e produtoras de cultura, tem permitido ampliar o olhar da Psicologia, no sentido da ampliação das possibilidades de estabelecimento de relações diversas em que as múltiplas dimensões humanas possam ser reconhecidas, pois revelarão também as culturas infantis (FARIA *et al.*, 2005).



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Nessa perspectiva, esse trabalho justifica-se pela importância de conhecer a criança como sujeito que tem vez e voz, reconhecendo-as como sujeitos que produzem cultura, que pensam, que se expressam e pela importância da brincadeira no desenvolvimento infantil. Nesse sentido, surgiu o interesse em pesquisar “a importância da brincadeira sob a ótica de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental.”

## **2- DISCUSSÕES E RESULTADOS**

Da análise dos dados, emergiu a categoria “Relações entre brincar e aprender”. Apreciemos a beleza na fala de nossos personagens, que demonstram uma inquestionável sabedoria, quando apresentam suas reflexões sobre as relações entre brincar e aprender.

As crianças aprendem a se divertir mais e conviver mais com os amigos. (LEBRE DE MARÇO).

Aprendem as regras das brincadeiras e dos jogos. [...] As crianças quando aprendem as regras ficam profissionais nas brincadeiras. (ARARA).

Aprendem a correr, brincar sem se machucar, ficar em liberdade, conviver com os amigos, fazer tudo de bom. Aprendo também a dividir os brinquedos com os amigos, porque não posso de ser egoísta e todos têm a oportunidade para brincar. (GATO DE CHESHIRE).

As crianças aprendem muita coisa!!!! Quando a gente brinca de trepa-trepa aprende a se equilibrar, quando a brincadeira é tica-tica, aprende a agilidade, aprendemos também as regras das brincadeiras e a conviver com os amigos. (DUQUESA).

Aprende que o importante não é vencer na brincadeira e sim participar e se divertir [...]. Aprende também a não se machucar. (GRALHA).

Aprende a imaginar coisas legais e bonitas, a inventar novas brincadeiras, a conviver com os amigos. (RAINHA DE COPAS).

Aprendem a respeitar os colegas e professoras e aprendem a brincar coletivamente. (GATA DINÁ).

Aprende a conviver e aprender brincadeiras novas com os amigos. (REI DE COPAS).

Aprende brincadeiras novas, a se divertir e a dividir as coisas com os amigos. (CANÁRIA).



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

**Aprende que brincar é importante, porque a gente exercita a mente e vive o tempo de criança.** (ÁGUIA). (Grifos Nossos).

Aprende a compartilhar brincadeiras, conviver com os amigos e a se divertir também. (PATO).

É interessante destacar que nos estudiosos da área de educação nada encontramos que desautorizasse a opinião das crianças acerca da construção de conhecimentos, nos momentos de brincadeira, quando falam sobre as aprendizagens das regras dos jogos e brincadeiras, da convivência com os amigos, das aprendizagens relacionadas à formação de um indivíduo social, como: divisão de brinquedos e o compartilhar de brincadeiras. Desse modo, descobrimos que as falas dos nossos sujeitos são ratificadas, embora também complementadas, uma vez que a brincadeira possibilita muita aprendizagens porque

[...] Favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil. Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. A fonte de seus conhecimentos é múltipla [...]. É no ato de brincar que a criança estabelece os diferentes vínculos entre as características do papel assumido, suas competências e as relações que possuem com outros papéis, tomando consciência disto e generalizando para outras situações. (BRASIL, 1998a, p. 27-28).

Portanto, nas brincadeiras, as crianças aprendem regras de convivência, respeito pelo outro; aprendem também a negociar, a solucionar problemas, a criar laços de amizade, a dividir, a expor o que está sentindo, a criar, a imaginar, tornando-se cada vez mais autônomas.

Nas situações de brincadeira, podem ser ensejadas vivências de situações imaginárias que, se bem planejadas, certamente, serão favoráveis à ‘construção do real na criança’. Assim sendo, para que a brincadeira seja um espaço/tempo de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, é imprescindível que tenhamos professores capacitados e condições favoráveis de trabalho, uma vez que, “Em condições precárias, não se educa, nem cuida” (BASÍLIO; KRAMER, 2003, p.81).





# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

Para Vygotsky (1998), a brincadeira é uma necessidade da criança. Ela se desenvolve no contexto das práticas histórico-culturais, surge do interesse de dominar o mundo. Por isso, ela age sobre os objetos como fazem os adultos. Durante o desenvolvimento das brincadeiras, são estabelecidas relações humanas e sociais. Os processos psicológicos são construídos, a partir de injunções do contexto sócio-cultural, ou seja, nas brincadeiras as crianças desenvolvem as funções psicológicas superiores, tais como: a atenção, memória, imaginação, pensamento e linguagem.

A brincadeira como atividade cultural, criativa, imaginativa, que proporciona alegria, liberdade, diversão; a função do brincar que é interagir, expressar, dialogar, humanizar e a compreensão de que a escola se constitui num espaço privilegiado para brincar - se constituem como eixos que se tornam bastante evidentes, quando as crianças proferem sobre a brincadeira.

Nesse sentido, consideramos que as falas das crianças podem ser sintetizadas nos dizeres Ângela Meyer Borba quando argumenta que:

Para as crianças, a brincadeira é uma forma privilegiada de interação com outros sujeitos, adultos e crianças, e com os objetos e a natureza à sua volta. Brincando, elas se apropriam criativamente de formas de ação social tipicamente humanas e de práticas sociais específicas dos grupos aos quais pertencem, aprendendo sobre si mesmas e sobre o mundo em que vivem. (BORBA, 2007, p. 12).

Por meio das observações realizadas durante a pesquisa e da fala das próprias crianças, confirmamos que a brincadeira é uma atividade prazerosa, um ato de aprendizagem e de interação social. Ao assumir a função lúdica e educativa, a brincadeira propicia diversão, prazer, potencializa a exploração, a criação, a imaginação e a construção do conhecimento. Em documentos da política educacional brasileira (BRASIL, 1998), descobrimos que a brincadeira é considerada um espaço de aprendizagem, de prazer, de alegria, de interação social; é uma experiência importante para o desenvolvimento infantil, portanto, deveria estar presente tanto na Educação Infantil, quanto nos anos iniciais do Ensino Fundamental.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

### 3- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Ao longo da nossa pesquisa, a convivência com as crianças foi bastante prazerosa. Considerando que os nossos diálogos com elas versavam sempre sobre brinquedos e brincadeiras, a impressão que nos dava era de que, juntos, estávamos vivendo uma grande aventura. Desse modo, à medida que elas nos brindavam com a sabedoria de quem melhor conhece os mais diversos ângulos da “ciência da ludicidade”, demonstravam nas suas falas e nas suas expressões, a alegria e o prazer, não só de brincar, mas também de falar sobre brinquedos e brincadeiras, preferidos ou não.

As crianças revelaram seus olhares sobre a brincadeira nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir da análise dos dados, percebemos que elas proferem que a brincadeira é uma atividade importante; que os professores devem saber fazer brincadeiras; proporcionar momentos para que ela aconteça e que a brincadeira é uma atividade cultural. A brincadeira é diversão, imaginação, interação, é uma coisa muito legal, é uma atividade alegre, é sinônimo de liberdade. Eles destacam também que a brincadeira é uma atividade específica de crianças. As crianças ouvidas além de definirem o que é brincadeira e falarem da sua especificidade dizem gostar muito dessa atividade, pois proporciona muita diversão e aprendizagens. Elas aprendem a se divertirem mais e conviver mais com os amigos, aprendem as regras das brincadeiras, aprendem também a dividir os brinquedos com os amigos, enfim, aprendem muitas coisas.

A natureza interativa do brincar das crianças constitui-se como um dos primeiros elementos fundamentais das culturas da infância, haja vista que o brincar é a condição de aprendizagem e da sociabilidade. Não espanta, por isso, que o brincar, o jogo e o brinquedo acompanhem as crianças nas diversas fases de construção das suas relações sociais (SARMENTO, 2003). Desse modo, a criança brinca internalizando a cultura e promovendo saltos qualitativos para seu desenvolvimento.

Nessa perspectiva, a brincadeira é uma linguagem da infância. Para que as crianças ampliem a imaginação, a criatividade, a autonomia, dentre outras aquisições desenvolvimentais, é preciso proporcionar-lhes uma diversidade de brinquedos e brincadeiras.



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
**E D U C A Ç Ã O**

Cumpramos ressaltar, nessa discussão, que a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento e aprendizagem da criança não deve ficar limitada às propostas curriculares, enquanto documentos; desejamos, pois, que o registro dessa importância tenha “força” suficiente para sair do “papel” para a realidade cotidiana das escolas de crianças, sejam elas de Educação Infantil ou de Ensino Fundamental.

Fundamentada nos sujeitos da pesquisa e n’outros autores estudados, ressaltamos que a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento e aprendizagem da criança não deve ficar limitada às propostas curriculares, enquanto documentos, mas tenha “força suficiente para sair do papel” para a realidade cotidiana das Escolas da Infância, sejam elas de Educação Infantil ou de Ensino Fundamental.

Nesse sentido, esperamos que este trabalho contribua para enriquecer o debate acerca da importância da brincadeira na escola de Ensino Fundamental. Igualmente, temos a expectativa de que o nosso estudo possa abrir espaço para refletirmos sobre a necessidade e relevância de se valorizar a voz das crianças, procurando entender o que dizem, o que pensam e realizam, ao brincar.

Destacamos, ainda, que a experiência relatada poderá oferecer subsídios teórico-metodológicos para os professores que pretendem considerar o pensamento infantil em sua ação docente, refletindo sobre a sua prática e o planejamento de atividades que abram espaço para a brincadeira no cotidiano das escolas de crianças.

Assim sendo, avaliamos cumpridos os objetivos definidos para este trabalho, reafirmando a importância da sua realização, como oportunidade ímpar de aprendermos mais sobre a brincadeira por meio das narrativas das crianças, cujas vozes devem ser mais ouvidas para nos dizer muito mais sobre elas mesmas, sobre a escola, sobre a brincadeira e sobre a educação.

Por fim, queremos destacar a importância da vivência teórico-prática no decorrer da feitura dessa pesquisa – o que se constituiu numa experiência ímpar para a nossa formação como professora-pesquisadora.

## REFERÊNCIAS

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)



**III CONEDU**

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

ARAÚJO, Viviam C. **A brincadeira na Instituição de Educação Infantil em tempo integral: o que dizem as crianças?** Dissertação (Mestrado em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008).

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENJAMIM, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a brincadeira**. Tradução, apresentação e notas de Marcus Vinícius Mazzari; posfácio de Flávio Di Giorgi. São Paulo: Duas Cidades, Ed 34, 2002.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.

BORBA, A.M. **Culturas da infância nos espaços-tempos do brincar: um estudo com crianças de 6 anos em instituição pública da educação infantil**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

\_\_\_\_\_. A brincadeira como experiência de cultura na educação infantil. **Revista Criança do Professor de Educação Infantil**, n. 44, p. 12-14, nov. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998. v. 1, 2 e 3.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Básica – Coordenação Geral do Ensino Fundamental. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, 2007.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 1997.

CAMPOS, M. M.; CRUZ, S. H. V. **Consulta sobre qualidade na educação infantil: o que pensam e querem os sujeitos deste direito**. São Paulo: Cortez, 2006.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

KRAMER, Sonia (Org.). **Com a Pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil**. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BASÍLIO, Luis Carlos C.; KRAMER, Sônia. **Infância, educação direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 83-106.

KISHIMOTO, T.M. (org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1999.

LUDKE, Menga; ANDRÈ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Coord.). **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997.

ROSSLER, João Henrique. O papel da brincadeira de papéis sociais no desenvolvimento do psiquismo humano. In: ARCE, Alessandra; DUARTE, Newton (Orgs.). **Brincadeiras de papéis sociais na educação infantil: as contribuições de Vygotsky, Leontiev e Elkonin**. São Paulo: Xamã, 2006. p. 51-63.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade**, In M.J. Sarmiento e A.B. Cerisara (org), Crianças e miúdos. Perspectivas Sócio-Pedagógicas da Infância e Educação. Porto. Asa, 2003.



# III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

SILVESTRE, Fernanda Mara; FERREIRA, Rosangela Veiga Júlio Ferreira; ARAÚJO, Viviam de Carvalho. O papel da brincadeira no Ensino Fundamental pelo olhar das crianças. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, **CES Revista** | v. 24 | Juiz de Fora, 2010. p. 285 – 302.

VYGOTSKY, L. S. LURIA, Alexander Romanovich. LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos e superiores. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 2001.